

A nobre simplicidade como essência do espaço litúrgico: Aplicações a partir do termo de Winckelmann

*Ignez Camila Filipino da Silveira*¹

Resumo: A nobre simplicidade é um termo que apareceu primeiramente na *Sacrosanctum Concilium*, sendo utilizado com base na doutrina do historiador da arte Johann Joachim Winckelmann, que foi o propagador do termo desde o século XVIII. A partir de sua apresentação nos documentos da Igreja, tornou-se essencial para a liturgia e, consequentemente, para o espaço litúrgico. Nesse sentido, compreender a nobre simplicidade como essência do espaço litúrgico é o objetivo deste trabalho, de forma que a questão da beleza, já enfatizada por Winckelmann, seja o caminho para se chegar a Deus, que é simples e, ao mesmo tempo, nobre. Deus é essência e Sua essência se encontra justamente na simplicidade, na verdade, na bondade e no Seu amor por toda a criação. Um espaço litúrgico deve, portanto, transmitir e expressar essa essência divina, através da nobre simplicidade, que pode ser atingida por diversos caminhos. Com base no entendimento dos conceitos de cada palavra, na pesquisa da origem do termo, na análise de sua utilização nos documentos da Igreja e na observação das abordagens de diferentes autores sobre o tema, pode-se chegar a esses possíveis caminhos. Caminhos estes que têm como alicerce a beleza, entendida como caminho essencial para Deus.

Palavras-chave: Nobre simplicidade. Essência. Liturgia. Beleza. Caminho.

INTRODUÇÃO

A nobre simplicidade é de grande importância para a liturgia, e por coerência lógica, para o espaço litúrgico, devido à necessidade de apresentar e vivenciar o mistério simbólico-sacramental de Cristo de forma simples e com nobreza, onde o fundamental é experienciar Seus mistérios nos ritos da Igreja e transmitir Seus ensinamentos e como se deve segui-Lo.

Por isso, compreender esse conceito e aplicá-lo nos vários aspectos da liturgia, seja no espaço, nas vestimentas, nos ornamentos e no rito, é uma garantia para elaboração de um projeto adequado para o espaço litúrgico, no qual se busca expressar a essência de Deus, que é o próprio Deus. Ele que é verdade, bondade, beleza e infinita simplicidade (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA - CIgC - 43), e que, portanto, só pode ser anunciado através do belo, do digno, do nobre, do simples, do verdadeiro, na imagem de Cristo.

Em Cristo, “imagem do Deus invisível” (Cl 1,15), foi o homem criado à “imagem e semelhança” do Criador. Em Cristo, redentor e salvador, a imagem divina, deformada no homem pelo primeiro pecado, foi restaurada em sua beleza original e enobrecida pela ação de Deus. (CIgC 1701)

¹ Mestre. UninCor. contato@ignezfilipino.com

A centralidade de Cristo deve ser acompanhada dessa nobre simplicidade, justamente por enfatizar, com coerência, Sua vida e tudo que Ele espera de cada fiel enquanto cristão e irmão de toda uma comunidade. Assim fluirá com maior facilidade a participação e o envolvimento da comunidade na celebração dos ritos das diversas celebrações da Igreja.

Vários documentos da Igreja, como a *Sacrosanctum Concilium* (SC), a *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR), os Estudos da CNBB n. 106 (Estudo 106), sobre *Orientações para projeto e construção de Igrejas*, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, apresentam o conceito de nobre simplicidade e sua importância nos ritos, nas vestimentas, nos ornamentos e em todo o espaço litúrgico, buscando ser simples e ao mesmo tempo nobre, com objetividade, dignidade, beleza, clareza e sem repetição.

Porém, ocorre um problema. Percebe-se que nem todos os espaços litúrgicos conseguem alcançar essa nobre simplicidade. Muitas vezes predominam a ostentação ou simplicidade extremas, sem expressar e transmitir o que realmente é coerente com a identidade histórica e teológico-litúrgica de Cristo e da sua Igreja, com o que o Concílio Vaticano II ensina aos fiéis e a todas as comunidades eclesiais.

Desta forma, o objetivo deste trabalho é aprofundar e explicitar a importância da compreensão do que é a nobre simplicidade e como aplicá-la nos projetos de espaços litúrgicos, tanto a serem construídos como reformados ou adequados. Para isso, é necessário entender os conceitos das palavras que formam a expressão, nobre e simplicidade, assim como o significado da palavra essência. Além disso, também é preciso pesquisar e analisar as origens do termo, juntamente com a utilização do mesmo nos documentos da Igreja e nas reflexões de diferentes autores. Assim, alguns caminhos são apresentados para se chegar à nobre simplicidade.

1 CONCEITOS

Para entender o que vem a ser o termo nobre simplicidade, primeiro é necessário, separadamente, compreender o significado do que é nobre e o que é simplicidade como palavra, para que juntas formem uma expressão tão única e importante para a história e, consequentemente, para o objeto de estudo sobre espaço litúrgico.

Faz-se necessário compreender cada conceito, de forma mais detalhada, para que se possa ter uma análise mais aprofundada do termo em questão e de como aplicá-lo adequadamente e corretamente nos projetos de igrejas, externa e internamente, nos mais variados aspectos e funções aos quais são destinados os espaços que as compõem.

Desta forma, foram estudadas as diversas definições que se podem encontrar sobre tais palavras em diferentes épocas, contextos, áreas de conhecimento e aplicações, de acordo com a abordagem e o intuito de sua compreensão, sempre buscando aprofundar o sentido e a utilização do termo nobre simplicidade.

Além das duas palavras que compõe o termo principal, foi analisado também o conceito de essência e toda a ideia da essencialidade, para então perceber a nobre simplicidade como essência do espaço litúrgico, enquanto característica fundamental para se pensar e projetar um espaço voltado para o Mistério Pascal de Cristo.

O quadro a seguir (elaborado pela autora, 2020) mostra, de forma sintetizada, as definições e conceitos estudados das três palavras:

Nobre	Simplicidade	Essência
• Título, fidalgo, aristocrata	• Simples, descomplicado	• A natureza de um ser
• Pertencente à nobreza	• Naturalidade, humildade	• Existência, espírito
• Classe social dominante	• Espontaneidade	• Principal, fundamental
• Renomado, conhecido	• Sem vaidade e ostentação	• Centro, origem, eixo
• Notável, superior	• Falta de luxo e pompa	• Significado, sentido
• Sublime, digno	• Genuíno, puro	• Autêntico, imutável, eterno
• Grandeza de alma	• Virtude a ser praticada	• Não visível
• Que possui valor	• Caminho a ser seguido	• Substância da coisa
ADJETIVO	SUBSTANTIVO	DEUS: "EU SOU"

A partir do entendimento da palavra simplicidade como substantivo e nobre como adjetivo, tem-se que nobre é uma qualidade, uma característica da simplicidade, fazendo com que se entenda que um espaço nobre deve ser um espaço digno, ilustre, conhecido, voltado para celebrações, feito de materiais naturais e de qualidade, que não seja corroído ou destruído com o tempo, ou seja, deve trazer o sentido de nobreza enquanto qualidade do espaço, mas não enquanto pompa e riqueza, pois a segunda palavra da expressão, simplicidade, vem para tirar justamente esse significado de suntuosidade e ostentação. O espaço deve ser nobre, porém com simplicidade.

Simplicidade que poderá ser atingida de diferentes maneiras, seja pela redução consciente de elementos na concepção e projeto, o "menos é mais" de Mies van der Rohe; pela não utilização de ornamentos demasiadamente, assim como elementos e decorações que não tenham um significado ou uma função, pois não trarão qualidade nem indicarão o objetivo do espaço; pela ocultação de informações, remetendo ao mistério que é Deus e tudo que o envolve, que é necessária para o entendimento de Sua magnitude, beleza e encantamento, o que pode ser traduzido na iconografia, através de traços simples e sem rebuscamento; pelos espaços vazios ou paredes vazias que também transmitem a simplicidade e pureza, como o silêncio tão valioso; o nada, o vazio e o básico também são importantes dentro de um espaço. Portanto, a simplicidade se apresenta de diversas maneiras, através de metáforas, do oculto, do contraste com o complexo, da subtração do óbvio, porém com o objetivo de trazer

o que realmente é significativo, ou seja, apesar de algo ser simples, deve ter vida, expressão, sentimento.

2 ORIGENS

O termo nobre simplicidade foi utilizado e definido bem antes de ser apresentado nos documentos e orientações da Igreja. Essa utilização e definição se deram em diferentes momentos da história, e serviu de base e referência para que a Igreja o resgatasse.

A ideia de uma nobre simplicidade já era defendida como um ideal artístico, e também como uma premissa pedagógica, desde o Renascimento, sendo a base de uma tendência do Humanismo Ocidental, conforme Gerd Bornheim destaca.

De fato, já na Renascença italiana encontramos a exigência de um *archetypus humanitatis*, cujo nervo seria constituído pela *sancta simplicitas*. Do seicento italiano, os franceses vão aceitar a ideia de uma *simplicité, naturellle*, de uma *noble simplicité*, chave para compreender o verdadeiro homem, o *verus homo*. Shaftesbury também já falara na *accurate simplicity of the ancients*. A ideia, portanto, não é nova. (BORNHEIM, 1993, p. 21)

Entretanto, foi somente no século XVIII que o historiador da arte alemão Johann Joachim Winckelmann abordou o tema de forma conceitual, sendo então pioneiro nessa discussão. Foi por meio de sua famosa frase “a nobre simplicidade e a serena grandeza”, que o termo ganhou destaque e foi difundido, tornando-se então conhecido na história. Toda a doutrina e o ideal de arte para Winckelmann se baseou nessa frase, que foi encontrada em três diferentes textos que apresentaram o mesmo parágrafo, mudando alguma palavra ou a ordem de alguma delas, sobre a nobre simplicidade. A partir dessas referências, concluiu-se que Winckelmann foi quem propagou o termo atrelado à arte clássica grega, defendendo o conceito de “nobre simplicidade e serena grandeza”:

A constituição sobre a Sagrada Liturgia, do Concílio Vaticano II, pronunciou-se de forma semelhante: “Ao promover e incentivar uma arte verdadeiramente sagrada, busquem mais uma nobre beleza do que o mero luxo. Isso tem que ser aplicado também às vestes sagradas e ornamentos” (*Sacrosanctum Concilium*, n. 124). Esta passagem se refere ao conceito da “nobre simplicidade”, introduzido pela Constituição no n. 34. Este conceito parece originário do arqueólogo e historiador de arte Johann Joachim Winckelmann, alemão (1717-1768), segundo o qual a escultura grega clássica foi caracterizada pela “nobre simplicidade e serena grandeza”. (DEPARTAMENTO, 2010; LANG, 2010; PARANHOS, 2020)

Suas críticas, ideias e reflexões foram baseadas também no entendimento e na vivência que ele tinha da época na qual vivia, analisando, portanto, a arte que estava sendo feita naquele momento pelos diversos artistas com diferentes expressões e representações, principalmente do estilo barroco.

Fundador da história da arte, além de precursor da arqueologia científica moderna e padrinho do estilo neoclássico, Winckelmann insistia na ideia de linha simples e contorno nobre e foi líder do movimento antibarroco, sendo contra a pompa e monumentalidade e buscando sempre o elemento puro, o mais simples possível.

Em contraponto ao barroco, Winckelmann vislumbrava na arte clássica grega, principalmente na arte escultórica, a grande beleza e perfeição da arte, já que eles conseguiam expressar o divino. O desafio dos artistas era superar a materialidade, colocar o mínimo e expressar o máximo. O que é belo está em Deus, assim, a beleza está relacionada ao divino. A beleza e perfeição só pode ser atingida quando há divinização, quando se consegue expressar e sentir o que é divino e transcendente.

E para se expressar o divino ou o digno ou o nobre, é necessário que o associe ao imóvel, ao repouso e calmo, ao simples. Daí se tem a ideia de nobre simplicidade na arte clássica grega defendida por Winckelmann, na qual se eleva o que é terreno ao que é divino, sendo baseada em uma dimensão pedagógica e mistagógica. Portanto, a essência de um espaço litúrgico está na nobre simplicidade, pois a essência de um espaço litúrgico é Deus e Deus é a própria essência, é perfeito, é simples e é nobre.

3 APLICAÇÕES

O primeiro documento da Igreja que abordou o termo nobre simplicidade foi a constituição *Sacrosanctum Concilium*, (CONSTITUIÇÃO, 1998) sobre a Sagrada Liturgia, com a primeira publicação em 1963, proveniente do Concílio Vaticano II. Neste documento, em seu n. 34, são apontadas as características do rito, dizendo que “o rito deve se caracterizar por uma nobre simplicidade, ser claro e breve, evitar as repetições, estar ao alcance dos fiéis e não necessitar de muitas explicações” (SC 34). Em poucas palavras, deixa claro alguns aspectos importantes da nobre simplicidade: clareza, objetividade, aproximação, descomplicação.

Além deste número, a SC traz também no n. 124 uma menção ao termo relacionado à arte sacra, “ao promover e favorecer a arte sacra, as autoridades locais devem visar à beleza nobre, mais do que à suntuosidade. Diga-se o mesmo no que se refere às vestes sagradas e aos paramentos” (SC 124). Apesar de não utilizar exatamente o termo nobre simplicidade, esclarece que a arte sacra deve buscar uma beleza nobre, mas sem suntuosidade, ou seja, com simplicidade.

Outro documento que versa sobre a nobre simplicidade é a Instrução Geral do Missal Romano (CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS, 2008), baseando-se na SC e destacando, em seu n. 232, que “a ornamentação

da igreja deve visar mais a nobre simplicidade do que a pompa. Na escolha dessa ornamentação, cuide-se da autenticidade dos materiais e procure-se assegurar a educação dos fiéis e a dignidade de todo o local sagrado” (IGMR 232).

Além da referência quanto à ornamentação, fala ainda da nobre simplicidade nos gestos e posições do corpo, que “devem contribuir para que toda a celebração resplandeça pelo decoro e nobre simplicidade, se compreenda a verdadeira e plena significação de suas diversas partes e se favoreça a participação de todos” (IGMR 42).

Em relação às sagradas alfaias, no n. 325 é apresentado que, “como na construção de igrejas, também em relação a todas as alfaias, a Igreja admite a expressão artística de cada região [...] neste ponto cuide-se atentamente de obter a nobre simplicidade que se coadune perfeitamente com a verdadeira arte” (IGMR 325), e no n. 351, sobre os outros objetos usados na Igreja, traz que é necessário que “tenha-se o cuidado de observar as exigências da arte também em coisas de menor importância, e de sempre aliar uma nobre simplicidade a um apurado asseio” (IGMR 351).

Em adição a SC e a IGMR, o Estudo 106 da CNBB, sobre *Orientações para projeto e construção de Igrejas e disposição do espaço celebrativo* (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2013), aponta a nobre simplicidade já na apresentação, feita por Dom Armando Buccioli.

Destacamos uma entre as numerosas e sábias indicações: “A beleza combina com a sobriedade, a sinceridade e a simplicidade”. Estamos em sintonia com a Sacrosanctum Concilium (n. 124) quando recomenda que o vocabulário da arte e do sagrado cristão resplandeça de “nobre beleza mais do que de mera suntuosidade”. De fato, a obra de arte, antes de tudo, deve ser “verdadeira”, autêntica e manifestar uma harmonia no que ela é, ou seja, a sua função litúrgica. Tudo na Igreja deve verificar o “sinal” a serviço de realidades espirituais e transcendentais e, ao mesmo tempo, humanas. (Estudo 106, p. 10)

No decorrer dos estudos, pode-se notar a preocupação e necessidade em seguir as instruções da SC assim como da IGMR, já que as orientações foram elaboradas de acordo com elas, sendo aqui destacado, no n. 52, o que diz respeito à nobre simplicidade.

Que todos os objetos utilizados a serviço da ação litúrgica sejam dignos, belos, verdadeiros sinais e símbolos da fé celebrada. Como para a construção de igrejas, também no que se refere às alfaias sagradas, ela admita formas e expressões artísticas próprias de cada cultura, buscando com todo o empenho aquela nobre simplicidade que tão bem condiz com a arte verdadeira. (Estudo 106, n. 52)

Foi a partir dos documentos e orientações da Igreja, que alguns autores abordaram a nobre simplicidade em seus livros ou textos sobre liturgia ou espaço litúrgico, mostrando

suas observações e reflexões quanto ao termo. Dentre eles, destacam-se o padre Vitor Galdino Feller, o abade beneditino Cuthbert Johnson juntamente com Stephen Johnson, o Monsenhor Guilherme Schubert e o liturgista Francisco Figueiredo de Moraes.

3.1 CAMINHOS

A partir do entendimento dos conceitos das palavras, da compreensão da definição do termo de Winckelmann e da análise de sua utilização pela Igreja e pelos estudiosos, alguns caminhos podem ser seguidos para assim se atingir a nobre simplicidade no espaço litúrgico.

Antes mesmo de traçar tais caminhos, é importante que se atente primeiramente à comunidade na qual está ou será inserido o espaço litúrgico, pois ele precisa ser condizente com a realidade desta comunidade e tem que refletir sua necessidade, ou seja, as soluções e decisões serão definidas a partir da compreensão das características específicas de cada local e de seus fiéis, além das características históricas, regionais e culturais tão particulares em alguns lugares do Brasil, por exemplo.

Nesse sentido, um dos caminhos que se pode delinear é a arquitetura sustentável, com seus princípios básicos: integração com o meio ambiente, redução de impactos ambientais e utilização de recursos naturais e renováveis, além de melhor qualidade de vida para o usuário (ADAM, 2001, p. 34-42). Relacionada à nobre simplicidade, a arquitetura sustentável se mostra apropriada tanto na utilização de técnicas alternativas e de materiais naturais, locais, renováveis ou reciclados, assim como na questão econômica, na qual se busca o incentivo à economia local e se reduz custos durante e após a construção realizada.

Dentro ainda da sustentabilidade, outro caminho que se pode seguir é a arquitetura vernacular, também chamada de popular, que é aquela genuína e pura, feita pelo próprio povo com determinados materiais e recursos locais, de acordo com condições climáticas e topográficas, através do conhecimento existente para satisfazer as necessidades de seus usos e costumes, com técnicas tradicionais e tipologias regionais adequadas ao ambiente, sendo, portanto, uma expressão cultural e popular, “desta forma, a arquitetura popular se define sem estrangeirismos e modismos; surge singela, mas eficaz, pois abriga o homem com o que a natureza oferece sem causar impacto” (VAZ, 2020, p. 4579).

A arquitetura vernacular apresenta como características fundamentais a “simplicidade, adaptabilidade, criatividade e a ‘forma plástica como resultado da técnica e dos materiais empregados’” (VAZ, 2020, p. 4579), possuindo grande valor cultural, “pois demonstra o saber fazer único em cada comunidade, autêntico culturalmente, definindo-se como elemento identitário de uma região” (VAZ, 2020, p. 4580).

Em outra linha de concepção, a arquitetura minimalista, fundamentada pelo movimento modernista, também é um caminho em busca da nobre simplicidade. Ela se caracteriza pela combinação de formas puras, materiais refinados e volumes geométricos, que forma

uma composição simples e depurada, se preocupando com a funcionalidade do espaço construído, mas sem deixar de atentar para sua forma e beleza (SEQUEIRA, 2012, p. 21-22).

O “menos é mais” de Mies van der Rohe é o lema dessa arquitetura, na qual o foco é a utilização somente do essencial, ou seja, uso de materiais nobres, pouca variação cromática, iluminação adequada, organização, decoração mínima e sem ornamentos.

Agora a arquitetura sacra contemporânea nas suas mais diversas formas de expressão, de acordo com a sensibilidade de cada arquiteto, e com a utilização da iconografia ou até mesmo da integração com a natureza como uma forma de simbolismo do sagrado, pode atingir a nobre simplicidade de diferentes maneiras, contanto que se busque o belo e as soluções tenham algum significado litúrgico, teológico e pastoral.

Nesse conceito contemporâneo já alicerçado no Concílio Vaticano II, todas as outras vertentes arquitetônicas podem ser utilizadas ou resgatadas, mas sempre observando a liturgia e as orientações pós-conciliares da Igreja e havendo uma retomada das origens da Tradição da Igreja, na experiência do primeiro milênio.

Além desses caminhos apresentados, sejam sustentáveis, vernáculos, minimalistas ou contemporâneos, o caminho da beleza discutido e retratado na Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para a Cultura, realizada em 2006, que resultou no documento final *A Via pulchritudinis*, caminho privilegiado de evangelização e de diálogo, se mostra como o principal caminho para se chegar a nobre simplicidade, pois todo e qualquer espaço litúrgico deve buscar a beleza de Deus para atrair e cativar seus fiéis, pois “a beleza não é um produto do ser humano; está tão acima dele! Ela o atrai, o seduz e, assim, o ser humano não vive sem ela” (PASTRO, 2012, p. 13). Ademais, “pela beleza, dá-se uma catarse, uma fusão; abre-se um horizonte que ultrapassa regras, palavras e emoções e gera novos encontros a ponto de encantar e seduzir e tocar profundezas não percebidas pela razão” (PASTRO, 2012, p. 12).

O caminho da beleza é um caminho pastoral que conduz a Deus, cuja beleza permite “transmitir a fé mediante sua capacidade de atingir o coração das pessoas, de exprimir o Mistério de Deus e do homem, de apresentar-se como autêntica ‘ponte’” (ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS, 2007, p. 14), e essa beleza está em Deus porque “Ele contém em si mesmo a perfeição do Ser, fonte harmoniosa e inexaurível de clareza e de luz” (ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS, 2007, p. 17).

Deus é Bondade, Verdade e Beleza e a Beleza é o “esplendor da Verdade e da Bondade de Deus, é para quem o ama, visível em toda experiência. Deus deixou vestígios de amor em toda a criação” (ANTUNES, 2010, p. 123). Essa beleza, portanto, é fundamental para se compreender tudo que é Deus e, desta forma, todos os detalhes e elementos do espaço litúrgico devem ser belos, pois são “como gotas de epifanias da Beleza em si que conduzem ao Criador” (ANTUNES, 2010, p. 124).

À vista de tudo isso, percebe-se que, através da beleza, evidenciada nos documentos da Igreja e nas obras de diversos autores, assim como na doutrina de Winckelmann, é que

se expressa o divino e o sublime, já que o belo está em Deus, em sua essência de verdade, bondade e simplicidade. Desta forma, a nobre simplicidade está intimamente ligada à beleza, onde se tem, na realidade, um caminho de mão dupla: a beleza leva à nobre simplicidade e a nobre simplicidade leva à beleza. Uma é consequência da outra, sendo expressa na arte, na arquitetura e demais elementos.

Essa beleza divina e sublime é justamente o que Winckelmann defendia, uma beleza que expressa, de forma nobre e com simplicidade, o transcendente, o invisível, que é Deus e Sua essência. Portanto, todos os caminhos apontados, seja a arquitetura sustentável, vernacular, minimalista, contemporânea, ou qualquer outro, deve seguir e levar ao caminho da beleza. Este é o caminho.

CONCLUSÃO

Clareza conceitual e critérios coerentes relativos à nobre simplicidade estão na base de qualquer projeto ou adequação de espaços litúrgicos, de forma que alcancem os objetivos de participação na celebração e de transmissão dos ensinamentos de Cristo através da beleza e da comunhão dos participantes.

Nessa perspectiva de estudo e aplicação, onde se compreenda diferentes maneiras de se obter a nobre simplicidade, poder-se-á superar o problema encontrado em diversos espaços que, em função de elementos, ornamentos e estruturas não condizem com a proposta de Cristo, com os ensinamentos conciliares e com as expectativas da própria comunidade.

A preocupação com a beleza, com a mistagogia ou com a iconografia não está relacionada à ostentação, grandiosidade ou materiais de preços elevados, mas sim com o que se quer transmitir, com a nobreza de tal elemento ou estrutura, com a simplicidade de uma técnica ou material que tem grande valor para uma comunidade, representando assim a essência de Deus. Ou seja, um projeto de um espaço litúrgico tem que ser pensado e elaborado de acordo com o que se pretende anunciar e apresentar enquanto casa de Deus, que “deve ser bela e adequada para a oração e as celebrações religiosas” (CIgC 1181), onde Cristo é o centro, onde se celebra o Mistério Pascal e onde há um encontro entre irmãos para essa celebração. “Nesta ‘casa de Deus’, a verdade e a harmonia dos sinais que a constituem devem manifestar o Cristo que está presente e age neste lugar” (CIgC 1181).

O caminho da beleza se mostra como o único caminho para se chegar a Deus, expressando-O através de sua essência que é a nobre simplicidade, seja através de técnicas tradicionais, do minimalismo, de materiais regionais ou de qualquer outra forma que tenha significado e transmita essa essência que é Deus.

Com a contribuição deste trabalho, portanto, pretende-se que os responsáveis pelos espaços litúrgicos procurem valorizar a nobre simplicidade da igreja e seus espaços celebrativos a partir de soluções que tenham relação com a comunidade e com o local em que está inserido.

Os caminhos aqui demonstrados servem de exemplo para arquitetos, artistas e demais envolvidos no projeto de um espaço litúrgico, como fonte do que se pode fazer com qualidade, nobreza, simplicidade, e ainda com baixo custo, valorizando a casa de Deus, a comunidade e a região através de soluções que reflitam a beleza de Deus que está justamente na Sua simplicidade.

Esses caminhos devem sempre ter como fundamento a beleza, a bondade, a verdade e a simplicidade contida em Deus e na vida de Cristo, seu Filho, a qual se deve seguir e transmitir em todas as ações, pensamentos e palavras, assim como nos objetos, nos espaços e em todas as coisas, refletindo sempre o que Cristo ensinou e propagou.

A nobre simplicidade vem como objetivo e, ao mesmo tempo, princípio de uma vida cristã baseada em todas essas qualidades de Deus, sendo, assim, essencial para a elaboração de um projeto de um espaço litúrgico. Sua importância leva em conta ainda dois aspectos a serem refletidos: a falta de recursos em muitas comunidades para se construir espaços litúrgicos, “se pensarmos que em grande parte do mundo onde a Igreja está presente, às vezes falta o mínimo do mínimo que é algum lugar para abrigar a assembleia...” (MORAES, 2009, p. 57) e também a postura do Papa Francisco.

O bispo argentino venceu a desconfiança e se apresentou como uma novidade na linha da retomada do Vaticano II. A coragem de pensar em uma reforma da Igreja e propor uma nova mentalidade na vida cristã foi o abre-alas. E o ponto mais evidente da sua tônica no campo litúrgico foi a volta à “nobre simplicidade”. (PARANHOS, 2020)

Essas duas questões evidenciam a necessidade de procurar a nobre simplicidade enquanto meio de se alcançar Deus. Mesmo nas comunidades mais humildes, onde não há recursos, ainda assim é possível encontrar o belo através de soluções simples, porém com a nobreza de significados e sentido para os fieis, tendo como exemplo a vida do próprio Papa, um seguidor de Jesus, que vive na simplicidade, demonstrada até mesmo na escolha de seu nome.

REFERÊNCIAS

ADAM, Roberto Sabatella. Princípios do Ecoedifício: interação entre ecologia, consciência e edifício. São Paulo: Aquariana, 2001.

ANTUNES, Otávio Ferreira. A beleza como experiência de Deus. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

ASSEMBLEIA PLENÁRIA DOS BISPOS. *Via Pulchritudinis*, O caminho da beleza: caminho privilegiado de evangelização e diálogo. (27-28.03.06). Trad. Cláudio Pastro. São Paulo: Loyola, 2007.

BORNHEIM, Gerd A. Introdução à leitura de Winckelmann. In: Reflexões sobre a arte antiga, Winckelmann. 2. ed. Porto Alegre: Movimento, 1993.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição típica vaticana. São Paulo: Loyola, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Orientações para projeto e construção de Igrejas e disposição do espaço celebrativo. São Paulo: Paulus, 2013. (Col. Estudos da CNBB, 106).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário. Brasília: CNBB, 2008.

CONSTITUIÇÃO *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: CONCÍLIO VATICANO II. 1962-1965. Vaticano II: mensagens, discursos, documentos. São Paulo: Paulinas, 1998.

DEPARTAMENTO das Celebrações Litúrgicas do Sumo Pontífice. A nobre simplicidade das vestimentas litúrgicas, Roma, 16 nov. 2010. Disponível em: http://www.vatican.va/news_services/liturgy/details/ns_lit_doc_20101117_vesti-liturgiche_po.html. Acesso em: 10 jan. 2020.

FELLER, Vitor Galdino (Org.). A nobre simplicidade da liturgia: homenagem a Pe. Valter Maurício Goedert. Florianópolis: FACASC, 2014.

JOHNSON, Cuthbert (OSB); JOHNSON, Stephen. O espaço litúrgico da celebração: guia litúrgico prático para a reforma das igrejas no espírito do Concílio Vaticano II. São Paulo: Loyola, 2006.

LANG, Uwe Michael (CO). A nobre simplicidade dos paramentos litúrgicos. *Salvem a Liturgia*, Rio de Janeiro, 12 dez. 2010. Disponível em: <https://www.salvema liturgia.com/2010/12/nobre-simplicidade-dos-paramentos.html>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MORAES, Francisco Figueiredo de. O espaço do culto à imagem da Igreja. São Paulo: Loyola, 2009.

PARANHOS, Washington da Silva. As interpelações do Papa Francisco para a liturgia de hoje. In: PARO, Thiago Faccini (Org.). Atualização litúrgica 2. Associação dos Liturgistas do Brasil. São Paulo: Paulus, 2020. 265 p. Livro eletrônico. Documento disponível para Kindle. cap. 1.

PASTRO, Cláudio. O Deus da beleza: a educação através da beleza. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

SCHUBERT, Mons. Guilherme. Arte para a fé: igrejas e capelas depois do Concílio Vaticano II. Petrópolis: Vozes, 1978.

SEQUEIRA, Maria Luísa Alves de Paiva Menezes de. O Minimalismo nas produções Escultórica e Arquitetónica. 2012. 325 f. Tese (Doutorado em Belas Artes) – Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

VAZ, Carolina Fernandes; CASTRO, Maria Luiza Almeida Cunha de. Arquitetura vernácula como inspiração: Estudo de Caso da Igreja Espírito Santo do Cerrado em Uberlândia/MG, projetada pela arquiteta Lina Bo Bardi. *Brazilian Journal of Developmet*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 4577-4593. jan. 2020.